

## FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

—SUBSCREVE-SE A 2\$500 RS. POR TRIMESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 15 DE ABRIL.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANÇA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOZA CAZA N. 2.

## VARIEDADE.

## OS CAÇADORES DOS ALPES.

—A *rupicabra*, conhecida geralmente pelo nome de *camurça*, é uma cabra montez, que habita os logares mais inacessíveis das grandes montanhas da Europa. Se todas as cabras têm o poder de balancear o corpo, a camurça excede a todas as demais espécies. A extensão e certeza de seus saltos é maravilhosa; da ponta de um rochedo, ou da mais pequena projecção salta a outro ponto da rocha com a maior segurança; outras vezes atira-se de 20 a 30 varas de altura para cair sobre a borda de um precipício, que apenas tem espaço bastante para n'elle assentar as patas: de modo que se achão unidas na camurça as duas habilitades de certeza de olho e equilibrio; com a vista mede a distancia com tanta exactidão que nunca se engana, e pelo equilibrio pôde facilmente inclinar-se para qualquer lado sem perder o balanço. Estas duas faculdades de instincto as possuem de nascença; porque se fossem adquiridas pela pratica, não poderiam as suas crias seguirem as mães em todos estes passos difficeis, como fazem. As camurças parem em maio, e as crias começam a saltar desde que vêem a luz. Estas pequeninas são mui engraçadas e muito mansas, e não se assustão quando procurão agarrar as; porem as grandes são summamente ariscas e espantadiças. Crião-se facilmente nas casas; porem não podem sofrer o calor dos curraes no inverno. Conhece-se a idade de cada individuo pelo numero de circulos das pontas, porque forma-se nestas um novo circulo em cada anno. O seu alimento no inverno é musgo ou a cascã dos pinheiros; e é por isso que frequentão os pinhaes e os bosques. Outras vezes presentem pelo olfacto a erva abafada debaixo da neve, e cavando com as patas revolvem a neve ao longo das encostas. As camurças criadas nos montados são geralmente maiores e mais gordas que as que habitão as cristas dos rochedos.

Os caçadores de camurças devem ter uma vigorosa constituição para poderem suportar o excessivo frio das montanhas depois de exercicio violento, dormirem sobre a terra humida, soffrerem a fome, a sede e outras privações e trabalhos. Devem ter muita força muscular para trepar a sitios quasi inacessíveis, com uma espingarda, munições, provimentos, ferramentas, tudo ás costas. Por ultimo devem ter vista aguda, cabeça serena, pé firme, e paciencia igual a sua coragem.

Estes caçadores preparão-se para as suas excursões, alem da espingarda e munições de guerra e boca, com uma sacola para fazer degraus na neve, um bordão fer-

rado para saltar os barrancos, um oculo de ver ao longe, e um bom cantil de aguardente para poder resistir ao frio. Com estes aprestos vão ao anoitecer para os montes, a fim de passarem a noite em alguma das choças feitas com estes objectos, e onde costumão ter lenha secca para fazer lume, de modo que ao amanhecer possam estar no logar da caça, porque a camurça somente sube a pastar ao romper do dia e ao anoitecer.

Quando o caçador chega ao logar onde se costuma encontrar caça, examina o campo com o seu oculo; e se não descobre camurças, sobe a maior altura, e torna a lançar o oculo. Logo que avista algum rebanho, vai trepando e chegando-se aos animaes, o que requer muito cuidado para não ser por elles visto, nem presentido pelo seu olfacto, para o que é necessario caminhar contra o vento. Como tudo está coberto de neve, leva o caçador uma camisa branca sobre o fato; e se suspeita que as camurças tem notado o seu movimento, permanece por meia hora sem se mover. Quando tem chegado a uma distancia de 200 ou 300 passos, faz a pontaria descançando a espingarda sobre algum rochedo, tomando por alvo a camurça de côr mais escura, porque são sempre as mais gordas. Estes caçadores raras vezes errão o tiro porque não é tal officio de curiosos, mas de montanhezes destros e experimentados. Se por casualidade erra o tiro, nem por isso as camurças se assustão com a explosão, quando não têm visto antes o caçador, e então tem este tempo de disparar o outro cano, se a sua espingarda, como quasi sempre, é de dois tiros, o até de tornar a carregar. Se cahiu alguma camurça corre logo a appanhal-a; e trata logo de voltar para casa: se a distancia é curta, carrega com ella inteira; se está muito longe e é máo o caminho, abre a e tira-lhe os intestinos para que peze menos; quando porem o caminho é mui escabroso, contenta-se com os fofal-a e levar-lhe a pelle.

Cada rebanho tem uma sentinella e esta entre as camurças é sempre uma fêmea; nenhum macho faz este officio; e em quanto todas dormem, vêla a sentinella com tanto zelo, que costuma subir a um rochedo para melhor espisar se ha inimigos perto. Quando suspeita que ha por ali algum caçador, faz uma especie de murmurio para advertir a todas; e se está certa de que ha inimigo, grita de um modo particular, levantão-se todas repentinamente e desaparecem. Então principião os trabalhos do caçador; uma vez que viu camurças, excita-se de tal modo o seu desejo, que não pôde recolher-se sem alguma. Corre sobre a neve, despreza os perigos, salta precipicios e introduz-se até nas passagens mais difficultosas dos montes, até queanoi-

tecendo e não podendo voltar á sua choça, passa uma noite de 18 horas sem guarida, sobre um rochedo, ou meio enterrado na neve e sem outro alimento mais que um pedaço de pão de cevada e um pouco de queijo. Acabado o jantar, que lhe ha de servir tambem de ceia, procura uma pedra, antes que escureça de todo, para servir-lhe de traveseiro e adormece logo, sonhando com as camurças. A fresca brisa da manhã o acorda e antes que o sol doiro os altos cumes dos montes, lança o sorrao e a espingarda ás costas e de precipicio em precipicio caminha outra vez em procura da sua caça.

Os perigos d'estes caçadores são mais temiveis pelo desamparo em que se achão, pois que lhes seria impossivel achar socorro, sobre tudo quando vão um só, o que é mais frequente; um desgraçado resvala e precipita n'um abysmo, e um passo incon siderado o põe na situação de não poder avançar, nem voltar, nem subir, nem descer, em quanto vê a seus pés uma escarpa perpendicular de centenares de varas.

Esta vida de continuo perigo, os soffrimentos que sentem, a solidão em que passão os dias, com a idéa exclusivamente occupada no animal que lhes fugiu ou que espera matar, fazem estes caçadores tão taciturnos e insociaveis, que no seu fallar e proceder mostrão ser outra differente raça de homens.

Não obstante estes perigos e soffrimentos a caça das camurças é objecto de uma paixão predominante n'aquelles montanhezes.

O viajante Sanssure conheceu um bello mancebo do districto de Chamounix, que estava para casar, e fallando com elle sobre a sua occupação de caçador de camurças lhe respondeu estas palavras:—“Meu avô morreu andando á caça das camurças, meu pae teve a mesma sorte, e eu estou certo que me acontecerá o mesmo, por isso chamo ao surrao, que levo a caça, a minha mortalha; pois estou certo que não hei de ter outra. E todavia eu não trocarei o meu officio por nenhum outro d'este mundo.”

Sanssure refere depois, que algumas vezes acompanhára este mancebo á caça, e que a sua ligeireza e força erão admiraveis; mas que a sua temeridade era ainda maior; e termina dizendo que, passando dois annos depois por aquelle mesmo logar, perguntára pelo mancebo, e lhe disserão que havia tido a morte que esperava, tendo-lhe faltado um pé ao saltar um precipicio. Não é o valor da caça, mas sim a mesma caça, a constante alternativa de esperança, temor e satisfação; é o continuo perigo a que andão expostos que os faz insensíveis a qualquer outro divertimento. É a mesma paixão de aventuras perigosas que faz a vida dos soldados e marinheiros de profissão.

No tempo do verão, quando o gado

sóbe a pastar no mais alto do declive das montanhas, costumão vir meter se algumas camurças entre as vacas, e então os caçadores empregão alguns ardis para as matar. Mete-se um caçador por entre uma manada caminhando de gatas, e com as costas cobertas de sal; as vacas são muito mansas, e quando vêm o sal, a que estão acostumadas, põem-se a lembrar as costas do homem, o qual chega a caminhar tão rodeado de animaes, que pôde aproximar-se ás camurças e atirar-lhes com muito acerto. Outras vezes, se o caçador é descoberto pelas camurças, em quanto estas espreitam o inimigo, crava elle o seu pãu ferrado na neve, põe-lhe o chapéo em cima, e caminha agachado fazendo um rodeio; e em tanto que as camurças estão olhando com assombro para aquelle objecto estranho, o caçador, que lhes tomou o flanco ou a retaguarda, lhes dispara o tiro mortal.

A revolução franceza ia dando cabo da raça das camurças nos desfiladeiros dos Alpes; porque, abolidas então as restricções que havia estabelecidas para a sua caça, em poucos annos foram quasi inteiramente aniquilladas. Ainda que estes animaes não gerao muito, vião-se com tudo manadas de 40 e 50; porém agora raras vezes se avistão mais de 10 ou doze juntas; e se as restricções não tivessem sido estabelecidas, talvez a especie estaria agora de todo extincta.

O modo de caçar, que temos descripto, é o dos caçadores de profissão.

(Diário do Rio de Janeiro.)

## EXTERIOR.

REVOLUÇÃO FRANCESA.

Porto, 13 de Março.

Dia 25 de fevereiro.

—Um decreto manda entregar a seus donos todos os penhores do Monte-Pio feitos depois do dia 4 de fevereiro, que consistam em roupas de uso, ou outros objectos de uso immediato, e que não estiverem empenhados por mais de dez francos devendo ser pagos estes penhores pelo ministerio da fazenda.

Outro decreto da mesma data applica a dotação da lista civil para allivio das classes pobres e laboriosas.

Uma proclamação a chamar os soldados desertados ou escondidos aos seus corpos.

Um decreto declarando que são adoptados pela nação os filhos dos cidadãos mortos na revolução.—Outro mandando reorganisar todas as guardas nacionaes dissolvidas pelo governo passado.

Foi nomeado ministro da guerra o general Subservic; o general Bedeau commandante da 1.ª divisão militar; M. Etienne Arago, director geral do correio; o general Duvivier encarregado da organização da guarda nacional movel, e seu commandante em chefe.

Dia 26.

Os membros do governo provisorio no Hotel de Ville, e principalmente Ledru Rollin e Lamartine, tem vindo fóra por muitas vezes arengar o povo que alli apparece em magotes fazendo exigencias das mais extravagantes: o final da arenga é mandá-los para a escola militar, onde se está procedendo á organização da guarda nacional movel, Lamartine veio cinco vezes

fallar ao povo; e da ultima vez em nome do governo, na frente do Hotel de Ville proclamou ao povo nos seguintes termos: Cidadãos!

“O governo provisorio da republica appellou para o povo para testemunhar a sua gratidão pela munificente cooperação nacional com que foram recebidas as novas instituições.

“O governo provisorio tem o prazer de annunciar ao povo aqui reunido:

“Que está abolida a realoza.

“Que está proclamada a republica.

“Que o povo exercerá os seus direitos politicos.

“Que as officinas nacionaes estão abertas para todos os artistas que não tiverem que fazer.

“Que o exercito se vai reorganisar. . .

“Finalmente, que o governo provisorio está ancioso por ser elle mesmo o que vos apresento o decreto que acaba de ser assignado nesta memoravel sessão, da abolição da pena de morte por crimes politicos.

“Este é o mais nobre decreto, que jamais sahio das boccas de um povo no dia seguinte ao da sua victoria. . . &c.

Houve neste dia uma reunião dos principaes negociantes de Pariz, em que se assentou de addiar por doze dias o direito de exigir o pagamento de lettras vendidas desde 22 de fevereiro até 5 de março.

O novo procurador regio, M. Portalis assignou a ordem de prisão para os membros do ministerio Guizot.

O unico ministro estrangeiro que comprimontou o governo provisorio, foi M. Rush embaixador dos Estados-Unidos.

Dia 27.

Foi solemnemente publicado o decreto da abolição da pena de morte precedido de um relatório curto, e muito poetico.

Publicaram-se mais decretos condemnando a destruição da propriedade particular; ordenando a reconstrução das linhas do ferro destruidas, e a immediata continuação dos trabalhos publicos.

As notabilidades dynasticas, e influencias politicas, taes como Barrot, Billaut, Thiers e Dufaure com os outros membros do seu partido decidiram em uma reunião que tiveram no sabbado, de prestar adhesão ao governo provisorio.

A inauguração solemne da republica teve lugar no dia 27 perante a columna de Julho.

Todas as principaes cidades dos departamentos tem mandado a sua adhesão ao governo provisorio. Em Rouen, Lyon e Strasbourg houve serios conflictos entre o povo e a tropa.

M. de Cormenin foi nomeado conselheiro d'estado; e M. Achilles Marrast procurador regio perante o tribunal da 2.ª instancia de Pariz.

Dia 28.

No dia 28 foram demittidos todos os prefeitos dos departamentos.

Victor Hugo foi nomeado *maire* do 9.º bairro; e Mr. de Cormenin vice-presidente do conselho de estado.

Mr. Orfila foi demittido do decano da faculdade de medicina de Pariz.

No mesmo dia foram os ministros das republicas Argentinas e do Uruguay ao Hotel de Ville, reconhecer officialmente e congratular o governo provisorio.

Dia 29.

Nos districtos contiguos a Pariz tinham-se commettido bastantes excessos; o

governo mandou um destacamento de estudantes da escola polytechnica, e da escola militar de S. Cyro para reprimir esses disturbios.

Continuavam as adhesões de marechaes, generaes etc.

Foi publicada a seguinte importante proclamação.

*Liberdade, igualdade, fraternidade.*

“O governo provisorio considerando que a igualdade é um dos grande principios da republica franceza q deve ser immediatamente levada a effeito decreta o seguinte:

São abolidos todos os antigos titulos de nobreza, e prohibidas as qualificações que lhes andam anexas. Esses titulos não podem ser usados em publico nem figurar em qualquer documento publico—*Seguem-se as assignaturas dos membros do governo.*

O celebre deputado legitimista Mr. la Rochejaquelein, mandou a sua adhesão ao governo provisorio *sem reserva mental*, dizia elle, porque a sua divisa era “*Le pays avant tout.*”

1.º de março.

O arcebispo de Paris reconhece a republica e expede circulares a todos os parochos para que se conformem com as ordens do governo, e que alvoreem nas torres das igrejas a bandeira republicana.

Dizia-se que mr. Rothschild depositára uma grande somma em bilhetes do thesouro como garantia para o cumprimento da condição do emprestimo.

Continuam as mensagens de adhesão á republica.

No dia 2 houve no Campo de Marte uma reunião monstro para deliberarem sobre os interesses das classes laboriosas. No mesmo dia houve acompanhamento fúnebre ao tumulo de Armand Carrel, no cemiterio do Père Lachaise. O busto deste antigo redactor do *Nacional* vai ser collocado no Pantheon (!)

(Continúa.)  
(Progresso)

## INTERIOR.

RECIFE, 27 DE MARÇO DE 1848.

(Continuado do n.º 437.)

—Nem por isso os deputados da opposição esmoreceram; apenas, para evitarem um conflicto, mudaram o dia designado para o banquete, e decidiram que teria lugar na terça-feira proxima, dia em que o povo se achava occupado nos seus trabalhos; e na segunda-feira, interpellaram o governo, afim de saberem se pretendia oppôr-se por via da força á realisação do banquete. Duchatel respondeu que havia de prohibir formalmente qualquer demonstração deste genero. A' noite, o prefeito de policia publicou uma proclamação, prohibindo qualquer ajuntamento do povo, e o general commandante da guarda nacional buixou uma ordem do dia, vedando a todos os guardas que se apresentassem fardados, sem ordem dos chefes respectivos.

Em consequencia destes actos do governo, os deputados da opposição decidiram que o banquete não teria lugar; endereçaram ao povo uma proclamação, recomendando-lhe socego, e aventaram que no outro dia proporiam a accusação dos ministros, e, no caso deste recurso lhes ser negado, resignariam os seus lugares.



Entretanto, raiou o dia 23; o governo occupou com a tropa de linha os pontos mais importantes da capital, e ficou á espera dos acontecimentos.

Sem embargo da proclamação do prefeito de policia, as ruas de Paris se apinhavam desde as 10 horas da manhã; e logo ás 11, um esquadrão de guarda municipal, estacionado ao pé do palacio de Guizot, dispous o povo, que alçava os gritos: *Viva a reforma, fóra Guizot*; e entoava em cântico a *marcelheza* e outros hymnos revolucionarios. Por volta de meio dia, os mancebos das academias dirigiram-se ao escriptorio da redacção do *National*, levando-lhe uma cópia da petição que haviam endereçado á camara dos deputados, requerendo que o gabinete fosse posto em accusação, e atravessaram as ruas, sem que a policia se lhes oppozesse. Nas mesmas horas, Guizot dirigio-se á camara, através do immenso cardume do povo, que occupava a praça da Revolução e ponte da Concordia, e acolheu-o com gritos de indignação. Os bancos da opposição estavam desertos; mas ás tres horas, Odillon Barrot entrou na sala, acompanhado por Duvier, de Hauranne, Marie, Thiers, Garnier Pagès, etc., e assim que se terminou a discussão encetada, subio á tribuna, e depositou sobre a mesa uma proposição formal, para que os ministros fossem postos em accusação. Guizot, fiado nos 100,000 soldados que renhira na capital, zombou de semelhante demonstração, e o presidente da camara levantou a sessão.

Eram 5 horas da tarde; a mór parte das lojas estavam fechadas; e as ruas e praças apinhadas de povo, que já principiava a descalçar as ruas para se formarem as trincheiras (*barricades*). Os tambores da guarda nacional tocavam rebate, ao passo que na rua de Saint-Honoré, os dragões accommettiam o povo, e causavam grande matança: eis o signal da revolução. Ás 6 horas e meia, o povo já se achava na posse da rua de Rivoli, e a tinha descalçado. O palacio de Guizot estava cheio de soldados, e soffrera repetidos ataques; neste momento chagaram varios batalhões da guarda nacional, e em vez de atacarem os insurgentes, alçaram os gritos: *Viva a reforma, fóra Guizot*, e se fraternisaram com o povo, protestando partilharem os seus sentimentos e perigos.

Entretanto, encarnizada peleja se travava na rua dos *Petits Pères*, e no mercado dos *Innocentes*; e a terceira legião da guarda nacional se declarava em favor do povo; a guarda municipal recebeu ordem para acometto-la; a guarda nacional a esperou de bayoneta calada, e um sanguinolento conflicto estava para se travar, quando o coronel da legião avançou para frente, e bradou:—*Soldados, alto! respeitai o povo!* Estas palavras foram sufficientes para desanimarem os guardas municipaes, que, com as armas aos hombros, se retiraram para os seus postos.

Nos *faubourgs* de S.-Diniz e S.-Antonio, a luta foi mais sanguinolenta, assim como na rua de Montmartre, onde o fogo durou toda a noite. Ás tres horas da madrugada, a guarda nacional quasi que se havia passado toda para a banda do povo, assim como alguns regimentos de tropa, de linha; e o coronel da segunda legião da guarda nacional se dirigio ás Tulherias, e annunciou a Luiz.

Philippe que não contasse mais com os soldados do seu commando S. M., mesmo dos paços reaes, estava ouvindo os gritos do povo e dos guardas, que bradavam: *Viva a reforma e fóra Guizot*; e ás 4 horas da madrugada, annunciou-se ao povo a demissão do ministerio, e cessou o fogo.

A camara dos deputados reuniu-se ás horas do costume; os membros da esquerda occupavam os respectivos lugares, e um delles, Mr. Vavin, deputado por Paris, subio á tribuna e pediu ao ministro do interior contas fideias dos acontecimentos da vespera, Guizot levantou-se para responder-lhe, e disse que, tendo S. M. encarregado ao conde Molé a organização de um gabinete, os actuaes ministros só conservavam as pastas interiormente, para evitar maiores disturbios. Esta declaração foi recebida com muitos applausos, e Odillon Barrot annuo a que se adiasse a accusação dos ministros.

Entre as victimas mais distinctas da revolução, conta-se o tenente-general, par de França, Tiburcio Sebastiani.

Ao encerrar-se a sessão da camara, no dia 23, annunciára-se a nomeação de novo gabinete, composto pela maneira seguinte: presidente do concelho e ministro dos negocios estrangeiros, o conde de Molé; interior, M. Dufaure; justiça, M. Vivien; marinha, M. Billaut; agricultura e commercio, M. Gouno; fazenda, M. Hypolito Passy; instrucção, M. de Tocqueville; obras publicas, M. Lanyer ou conde Daru.

(Páris de Pernambuco.)

## MARANHÃO.

### Communicado.

#### Alguns momentos de reflexão sobre a Liga.

—A ideia de ligar os Maranhenses todos a huma só vontade, de chamal-os a hum unico fim, o hum commum, posto que seja falsa, até absurda (porque sendo os desejos do homem tão variados não pode haver combinação absoluta de pensar) não deixa de ser grande e magnifica. Quem dera que ella fosse possivel de executar-se: em vez dos desgostos e contrariedades que soffremos teriamos as docuras d'uma vida angelica, e o mundo se poderia tornar hum verdadeiro Eden. A opposição não vai pois fora de razão quando afirma que liga geral não he possivel; mas não podemos concordar com ella que o Exm. Sr. Franco de Sá, procurando organizar essa liga, tenha erido hum mal para o Maranhão; ao contrario julgamos que elle produzio hum bem e vamos vêr se o demonstramos. Quando a sociedade marcha pacifica e regularmente, quando a actividade geral se dirige a hum verdadeiro aproveitamento, seria imprudencia criminosa dar-lhe, afim de accelerar-a, hum movimento inesperado, cujos effeitos não fossem precisamente conhecidos e calculados; porque esse movimento poderia fazel-a mudar de direcção e arredal-a do fim util que levava; mas quando cansados os espiritos, abatidas as forças, a sociedade não vive vegeta, por assim dizer, hum choque vio, lento he applicavel e ainda que o seu fim seja falso pode ter consequencias muito proveitosas—Assim consideramos a Liga—

No estado de aborrecimento e marasmo em que nos achavamos precisavamos de hum movimento novo, de huma mudança de regimen que nos restabelecesse o espirito e fizesse renascer a esperança: precisavamos de huma diversão aos nossos antigos odios, e que nos tirasse do circulo mesquinho do exclusivismo em que nos tinhamos encerrado. A Liga satisfaz-nos essas precizes: portanto ella foi em n'osso sentir hum grande bem para os Maranhenses; e aquelles que a tem pregado e sustentado pelos meios honestos e appropriados, tem feito hum serviço real a Provincia e merecem por isso as sympathias d'ella. E, tal vez nos perguntem, o que he então a opposição? A opposição he respondermos, hum elemento necessario ao nosso systema de governo, quando illustrada e conscienciosa, huma consequencia infallivel da fraqueza humana, huma praga terrivel que tem flagellado as maiores e mais bem intencionadas illustrações do mundo, huma abelhuda importuna em summa, quando pyrrhonica e desassizada, que grita como o menino tolo que chora unicamente pelo gosto de incommodar a quem o ouve. E julgue quem nos fizer a pergunta em qual destes dois casos está a opposição actual, cujas intenções respeitamos.

.... 20 de Março de 1848.

C \* \* \*

## A REVISTA.

### ARTIGO I.

—O Observador, depois de ter rendido ao novo administrador as mais baixas adulações, em o seu n. 40, de que ainda havemos de tomar nota para desfastio do leitor, occupa-se agora, em seu n. 41, em fazer queixas e mexericos contra os funcionarios e agentes que serviram com o Sr. Franco de Sá, e em deprimir a este, sem duvida a vêr se impelle o Sr. Amaral a entrar na carreira das reacções, se bem que já nesse mesmo numero se mostre um tanto desapontado com a politica de moderação e imparcialidade que, segundo geralmente se diz, pretende adoptar S. Ex. Nós sem nos cansarmos com refutar os mexericos do contemporaneo, alguns dos quaes vem recheados de falsidades tão grosseiras, que a ninguém podem illudir, deixar-lhe-mos o campo inteiramente livre nesta especie de esgrima tão conforme ao seu genio, fazendo hum mercado ao publico que o conhece, da moralidade que lhe elle prega *daquella sua cadeira de verdade*; e som aturdimos o actual presidente com mequinhas recriminações e apologias pessoais, só trataremos da politica e marcha que seguiu o seu antecessor, porque é essa a bitola por onde deve ser avaliada a administração passada, e o que pode orientar a nova na apreciação dos factos anteriores.

Estampando neste n., como haviamos prometido, o communicado firmado por C \* \* \* sob a epigraphie—*Alguns momentos de reflexão sobre a liga*—, devemos observar que o seu author que não temos a honra de saber quem seja, mas que reputamos ser pessoa estimavel e bem intencionada, nos parece laborar n'um engano quando suppõe a conciliação adoptada pela liga um principio absoluto em

sua applicação, e por isso falso. Somos o primeiro a reconhecer que não ha principios absolutos em politica, como se pode ver em differentes artigos que escrevemos acerca da modificação dos partidos nesta provincia e no imperio; pois o contrario seria negar a perfectibilidade das sociedades humanas. A conciliação foi sempre pregada pelas folhas ligueiras para aquellos que se quizessem conciliar, e apresentada aos partidos, não como uma idéa absoluta, mas simplesmente como uma idéa dominante e accomodada á actualidade das circumstancias. É um principio eminentemente social, e por conseguinte verdadeiro, posto que não seja, nem possa ser absoluto. E neste caso estão todos os principios verdadeiros dos quaes nenhum é absoluto em sua applicação, como o attesta a historia politica dos povos antigos e modernos. A politica não se crea; segue-se e adopta-se; e por isso deve ser adaptada ás circumstancias.

Bem sabemos que não é possível uma reunião uniforme de vontades, quando as paixões dos homens são tantas e tão variadas, mas um principio é uma verdade politica, moral, ou religiosa, que os homens reconhecem e abraçam por convicção, e não para satisfação de suas paixões: assim a adopção, ou profissão de um principio em commun supõe nos individuos que o adoptão, ou professão, mais uma reunião de convicções, que uma reunião de vontades. Nem de outra maneira se explica a existencia dos partidos politicos, seitas philosophicas e crenças religiosas, para não fallarmos no phænomeno ainda mais admiravel da existencia das sociedades humanas. O que levou o author do communicado a emitir o juizo que emitto, foi seguramente a má e defeituosa organização de nossos partidos em que predominam mais as paixões, que os principios. Este facto porem poderá depôr contra o adiantamento (de nossa civilização, mas não contra a verdade dos principios. Além de que de um principio falso não se podião deduzir consequencias vantajosas para a sociedade, e por tanto verdadeiras, como essas que da conciliação deduz o author do communicado.

É pois a conciliação reduzida á pratica, não uma supposta reunião de vontades uniformizadas n'um intuito qualquer, mas uma verdadeira reunião de convicções que adoptão um principio com suas consequencias; não uma amalgama de mal extinctos odios, como dizião os seus adversarios, mas uma certa conformidade de antigas opiniões modificadas; não um sonho absurdo, posto que magnifico, mas a realidade mesma, excellente e grandiosa em seus resultados. A liga, ou partido conciliador que della se originou, não é senão o principio applicado, ou antes é uma prova irrecusavel de sua verdade theorica. Isto posto, temos a satisfação de concordar em tudo o mais com o nosso illustrado correspondente.

Como partido politico a liga fez importantes serviços ao paiz. Apoiou a administração do Sr. Franco de Sá que promoveu os melhoramentos materiaes e moraes da provincia até então abandonados, adoptando a politica de conciliação como a mais adaptada ás circumstancias. E em verdade desorganizados ou dissolvidos os antigos partidos, a força de se tornarem exclusivos, a melhor politica a seguir, era

certamente essa que dos elementos de todos os outros organizou um novo partido vigoroso e forte, sob bases mais largas e com tendencias mais sociaes, que os primeiros que não tinham em vista senão o engrandecimento pessoal, ou a conservação das posições officiaes. Com o apoio deste partido, ou liga, acceito depois dos violentos ataques que começou a sofrer da opposição exclusivista, ao cabo de seis mezes de administração, obteve o Sr. Franco de Sá da assembléa provincial as medidas indispensaveis para a redução de uma força policial superior aos nossos meios, para a reorganização do thesouro e o melhoramento da renda provincial, para a construcção das obras publicas que não figuravaõ atehi no orçamento de despesa, e a organização da respectiva direcção, para a animação de nossa lavoura de canna, &c. Habilitado com taes meios comprehendendo e conseguindo as mais uteis e necessarias reformas.

A banca-rola emanante no thesouro provincial foi evitada com a satisfação de um passivo enorme, as nossas finanças arruinadas se restaurarão como por encanto, e a renda creceu a ponto de deverem, segundo os calculos mais provaveis, achar-se em caixa no fim do anno financeiro cerca de 80:000\$ rs.—O caes da Sagração foi continuado e o hospital da Madre de Deos reedificado com a authorisação obtida do governo geral: com os meios provinciales foram postas em execução a grandiosa e utilissima obra do canal do Arapahy e o bello ensaio de estrada do Caminho Grande, sem fallar em algumas obras de importancia secundaria como simples reparos &c.—A cultura da canna e fabrico do assucar foi animada em uma provincia cujo principal ramo de lavoura, o algodão, vai em constante decadencia em rasão do seu progressivo depreciação.—O thesouro provincial e a direcção de obras publicas tiveram regulamentos adequados.

Todos estes grandes resultados, obtidos dentro de um anno e alguns mezes, foram devidos á politica de conciliação que chamou a attenção das forças sociaes dispersas e consumidas em pura perda, para um fim de utilidade publica, qual seja o progresso material e o desenvolvimento da industria do paiz que fora até então distrahido de entender no seu futuro engrandecimento e riqueza, por incessantes e estereis luctas de partidos exclusivos e pessoaes, sem fim, nem objecto algum social. O mesmo estado de perfeita neutralidade no qual a administração se conservou entre os partidos, no periodo dos seis primeiros mezes—grande mortalis revi spatium—na vida de uma administração entre nós, foi devido a essa politica tão salutar em seus effeitos.

—Damos no presente numero, extrahidas do Progresso, mais algumas noticias da revolução franceza.—Afora ellas, temos lido nos jornaes as seguintes; o governo ingloz está disposto a reconhecer a nova republica; o nuncio do papa congratulou-se com o governo provisório.—É falsa a noticia da perseguição, e ordem de expulsão contra os Ingleses.—Não se verifica por ora a da revolução da Belgica. Os principes francezes, d'Aunale e Joinville, tinham chegado a Lisboa, vindo de Argel, donde se infere que o exercito d'Africa adhiriu ao movimento.—Na Hespanha ha-

viam sido suspensas as garantias, e suprimidos todos os jornaes progressistas.

(Publicador Maranhense.)

## AVISOS.

—No deposito do Novo contrato de Lisboa, na rua Grande, caza n. 16, ha Rapé de Superior qualidade chegado no Patacho Andorinha, entrado ultimamente: em latas 3\$400, em botes 3\$200.

## RAIMUNDO CARLOS RIBEIRO,

Aluga o Armazem por baixo da sua caza da rua do Nazareth que a poucos dias foi deoccupado pelos Senhores. Almeida & Correia, e na mesma caza continua a vender os objectos, por vezes annunciados, bem como chapas de fugões economicos construidos propriamente para este Paiz. Oleo de linhaça &c., &c.

—No Armazem de Antonio Pedro dos Santos na rua do Giz, caza n. 20 se vende o Remedio para tirar o vicio de Embriaguez preparado no Rio de Janeiro e vindo ultimamente no vapor S. Sebastião.

—A Manoel Antonio dos Santos fugio da villa do Rosario no meado do mez de Fevereiro proximo passado, de bordo da Gambarra Maria Luiza ou da Olaria da Bica hum Escravo de nome Luiz, de idade de 32 annos pouco mais, ou menos; creoulo da Provincia do Ceará, retinto, de estatura proporcionada, rosto largo com falta de dentes adiante; falla paizado, ares de apatetado, mas velhaco, suissudo, e com muito cabelo no peito, e signaes de castigo nas costas.

Foi comprado ao Sr. João da Silva Afonso de Campo-maior em 23 de Agosto de 1847; e este o houve, segundo disse, do Sr. Lopes Castello Branco e Silva.

Se for capturado será remettido para esta Cidade ao annunciante; para o Rosario a José Joaquim da Silva Guimarnens na Olaria da Bica, em Itapucuri a Manoel José Ramos, ou a Joaquim José Nunes Paes.

—A José dos Santos Villaça morador nesta Cidade, lhe fugio hum preto de nome Julião, nação Caboverde, de idade 22 annos, altura mediana, reforçado, muito solista, com hum peca na perna, metade da orelha esquerda de menos, com signaes pelo corpo de castigo, anda em titulo de forro, e calçado: quem o pegar e entregar a seu Sr., receberá generosa recompensa.

—Em dias do mez de Janeiro deste anno, fugio do meu Citio denominado Bella Vista no Angelim, Ilha desta Cidade o escravo Antonio Caboucolo assim chamado por ser cabra do Sertão, idade de 25 a 30 annos, alto, grossura proporcionada, cabellos castanhos, rosto redondo, pouca barba, falta de dentes na frente inferior, da-se a bebidas accoolas, mostra no acento que sofreu acointes, em titulo de forro, foi escravo de Domingos Pinto Lima que negocia em gado para o Sertão, que o vendeo ao Padre Antonio Henriques da Fonseca que mora em minha companhia. Maranhão 10 de Abril de 1848. Manoel José Maya.